
TEMAS EM DESTAQUE

FORMAÇÃO PROFISSIONAL, PROFISSÕES E CRISE DAS IDENTIDADES NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

O Tema em Destaque partiu do interesse de estimular a reflexão acadêmica em torno de um campo temático que foi alçado a plano elevado no debate educacional contemporâneo: o dos desafios recentemente enfrentados pelas reformas educacionais em quase todas as sociedades. No contexto brasileiro, mais especificamente, logo após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.9.394/1996, temos vivido períodos de expectativas e incertezas, notadamente quanto às políticas curriculares para a formação profissional nos mais variados campos do saber, com todas as decorrências que essas tensões supõem, seja em relação aos rumos a serem desconstruídos pelas instituições no que se refere aos projetos pedagógicos, seja no que diz respeito aos docentes em sua prática cotidiana de trabalho.

O que nos move, ao trazermos a público o Tema em Destaque deste número, malgrado a incompletude que o escopo de um trabalho dessa natureza exhibe, é um olhar menos voltado para as incertezas e receios próprios à contemporaneidade e seus rebatimentos na prática pedagógica, do que sobre as possibilidades de “interação”, tal como elucidado por Edgar Morin¹, quando nos convida a dar conta do complexo de relações que organizam sentidos e significados diversos e provisórios da formação.

O argumento central que articula o tema escolhido é a ênfase hoje dada ao conhecimento e às “culturas epistêmicas” (Cetina²) no sentido de que a produção do conhecimento nunca é fixa e finita. É na dinâmica desse processo e no desenvolvimento profissional que os saberes transcendem espaços delimitados. Desse modo, a sociedade do conhecimento, como afirma Cetina, não é simplesmente uma sociedade de *experts*, ou uma sociedade que produz conhecimentos incessantemente, mas um espaço em que as culturas do conhecimento se interpenetram e tecem redes de capilaridade, atuando sobre a vida cotidiana (Giddens³), sobre as profissões e sobre os profissionais e suas identidades. Gera assim sentimentos antagônicos que se expressam, por um lado, na admiração pelo avanço científico e tecnológico e, por outro, no que Baumann⁴ definiu como “precariedade, instabilidade e vulnerabilidade”, não necessariamente entendidos como determinações da tecnologia, mas como traços característicos de uma modernidade que se liquefaz, ao diluir as certezas da ilusão moderna no descartável, na *performance* e na individualização.

É sabido que na pesquisa científica e na divulgação do conhecimento o processo de

1. Morin, E. *Introduction à la pensée complexe*. Paris: ESF, 1990.

2. Cetina, K. K. *Epistemic cultures: how the sciences make knowledge*. Harvard: Harvard University Press, 1999.

3. Giddens, A. A Vida em uma sociedade pós-tradicional. In: Beck, U.; Giddens, A.; Lash, S. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997. p.73-133.

4. Baumann, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

escolha de um tema e dos trabalhos a ele relacionados, a exemplo dos que aqui apresentamos, nunca é aleatório. Há que se considerar a pertença de quem fez tais escolhas, os caminhos percorridos na pesquisa, suas opções teórico-metodológicas e a visão de mundo que norteou a seleção dos textos, ainda que com perspectivas nem sempre consensuais, mas, por isso mesmo, enriquecedoras e vivificadoras da atuação acadêmica. É nessa acepção que entendemos a autoria e a autoridade do pesquisador para difundir o conhecimento, não como algo imposto e alheio a sua interioridade, mas como decorrência de compromissos motivados pelo desejo da descoberta, da autonomia e do estímulo ao debate.

É esse o sentido que John Beck e Michael Young conferem ao artigo que abre esta seleção e lhe dá o tom – “Investida contra as profissões e reestruturação das identidades acadêmicas e profissionais”, ao considerarem as recentes transformações nas ocupações profissionais. Os autores, recorrendo ao pensamento de Basil Bernstein e de Émile Durkheim, fazem uma análise pertinente e oportuna sobre as estruturas do conhecimento e sua articulação com a formação das identidades ocupacionais, alertando para os processos de mercantilização e gerencialismo que acometem os grupos de profissionais, inclusive os da área educacional, nesses tempos de reestruturação do processo de trabalho e de reformas nas políticas curriculares. “Tanto nas universidades quanto em muitas profissões, toda uma geração de profissionais experimentou o que para alguns é um sentimento de crise e de perda”, denunciam os autores em seu artigo, o que por si só resume o sentido e a justificativa do conjunto dos textos aqui apresentados.

O texto de David Guile explora a questão de fundo subjacente ao artigo de Beck e Young, discutindo as rápidas mudanças nessa aparente nova fase do desenvolvimento das

sociedades capitalistas. As indagações de Guile para desenvolver o artigo “O que distingue a economia do conhecimento? Implicações para a educação” remetem às políticas econômicas e educacionais no Reino Unido e nos Estados Unidos na última década, observando que a chamada “sociedade do conhecimento”, própria das economias industriais avançadas, tem exigido um nível maior de pessoas qualificadas e, por conseguinte, maiores respostas do campo da educação. No entanto, adverte o autor, falta às análises teóricas uma perspectiva filosófica e sociológica mais acurada, que dê conta dos relacionamentos sociais, das identidades e singularidades que estão imbricadas nos desenvolvimentos tecnológicos, o que afeta diretamente as políticas educacionais.

Com o olhar voltado para a realidade brasileira, o texto de Celso Ferretti, “Sociedade do conhecimento e educação profissional de nível técnico no Brasil”, articula-se ao de Guile na preocupação de ambos com o que se entende por “sociedade do conhecimento” e suas várias acepções e implicações para a educação. Analisando o caráter polissêmico dessa expressão, Ferretti explora alguns dos principais termos a ela correlatos que fazem referência à sociedade hoje, como “sociedade da informação” e “sociedade pós-industrial”, argumentando que tais denominações desempenham um papel mais ideológico do que propriamente de caracterização científica das sociedades contemporâneas. O autor examina empiricamente essa questão mediante estudo de caso numa escola técnica, tendo como foco as recentes mudanças promovidas pela reestruturação das políticas curriculares para a educação profissional e a sua compreensão pelos docentes, acentuando os percalços da implantação dessas políticas e a importância da formação humana omnilateral como política indissociável dos conhecimentos técnico-científicos que as escolas devem propiciar aos educandos.

O artigo "Reforma da educação profissional e crise das identidades pedagógicas e institucionais" segue a mesma linha de reflexões dos textos anteriores, em especial o de Ferretti, no que diz respeito às discussões sobre a reforma da educação profissional no cenário brasileiro. A autora, Vera Fartes, parte do princípio de que tendências e pressões globais sobre a educação, marcadas pelos interesses econômicos da atualidade, não se desenvolvem em todo lugar da mesma forma e com iguais decorrências. Para tanto, analisa a reforma da educação profissional em três Centros Federais de Educação Tecnológica, especialmente no que diz respeito à forma como gestores, professores e equipe técnico-pedagógica interagem e recontextualizam as políticas curriculares diante das mudanças e exigências do mundo contemporâneo e conclui que as instabilidades geradas pela reforma, se, por um lado, são desencadeadoras de crises nas identidades pedagógicas e institucionais, por outro, trazem em si um potencial de mudanças, na medida em que as dificuldades enfrentadas pelas instituições e pelos docentes que nelas atuam podem-se converter em agentes mobilizadores de novas percepções e iniciativas.

A seção completa-se com o texto de António Neto-Mendes, Jorge Adelino Costa e Alexandre Ventura – "Explicações: modos de regulação de uma actividade globalizada". Os autores abordam o caso das professoras "explicadoras", termo utilizado em Portugal, e que no Brasil corresponde às tradicionais "professoras particulares" (termo utilizado especialmente no Sudeste brasileiro) ou "professoras de banca" (assim conhecidas no Nordeste). Tema pouco explorado nas pesquisas sobre formação e profissionalização docentes no Brasil, o caso das "explicadoras" está a merecer entre nós maior visibilidade nas pesquisas, dado que essa

atividade, que poderíamos chamar de semiprofissional, por não se enquadrar nos padrões de regulação formal no mercado de trabalho docente, traz consigo a marca de uma atividade de longa data, de percursos e motivações distintos não só aqui no Brasil, mas em vários países. Constitui assim um terreno fértil para pesquisas sobre profissões exercidas em contextos em que os espaços de trabalho e de vida doméstica se misturam, projetando identidades para além daquelas construídas no âmbito das instituições formais de educação, ao mesmo tempo em que refletem e produzem "itinerâncias" pedagógicas singulares.

Ao reunir esses artigos, tivemos em mente a tessitura de uma rede de conhecimentos e perspectivas complexas, em que os "nós" que compõem essa rede são pontos de intercessão para novos campos temáticos de matizes variados. Ao mesmo tempo em que pretendemos deixar claras a relevância e atualidade do tema escolhido, realizando uma tentativa de síntese de alguns pontos da rede, concluímos que o mapeamento por inteiro do debate proposto e a determinação deste como um conjunto são tarefas inacabadas. A seleção de alguns trabalhos representativos dos estudos sobre formação profissional, profissões e crise das identidades na sociedade do conhecimento deve ser considerada como expressão de múltiplas conexões e referências imprecisas e, por isso mesmo, uma rede aberta à crítica, ao debate e a novas contribuições.

Vera Lúcia Bueno Fartes
Rede Interativa de Pesquisa e Intervenção
sobre (In)Formação, Currículo e Trabalho –
REDPECT – e Faculdade de Educação da
Universidade Federal da Bahia.
verafartes@uol.com.br; veralf@ufba.br